



**RESENHA/LIVRO**

# O Mal-Estar na Velhice em *Diário da Guerra do Porco* de Bioy Casares

por Christian Ingo Lenz Dunker

“Para viver como jovem morro como velho”<sup>1</sup>



Adolfo Bioy Casares (1914-1999) pertence à geração de escritores fundamentais da literatura argentina. Ao lado de Macedônio Fernandes e Jorge Luiz Borges lançou as bases do realismo fantástico, que se consagrou na escola latino-americana pelo colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), o argentino Julio Cortázar (1914-1984) e o brasileiro José J. Veiga (1915-1999).

Dois traços do surrealismo europeu são importados e reformulados pela literatura descomunal, segundo o título pre-

ferido pelo colombiano: a indeterminação da relação com a realidade e a invenção de uma nova forma de amor. O romance *Nadja*<sup>2</sup> de André Breton, decisivo para a formação da psicanálise de Jacques Lacan, mostra-se um exemplo maior do cruzamento dessas duas exigências, pois nele misturam-se pessoas e lugares reais com a aparição de uma mulher, cuja existência é suspeita. A grande novidade do realismo mágico, comparado ao surrealismo francês, consiste na infiltração da violência e no diálogo com os estados de segregação e de opressão política. Se os surrealistas franceses, inspirados no marxismo institucional dos anos 1930 e 1940, criavam pontos de heterogeneidade e estranhamento em uma realidade social excessivamente confiante, coerente e organizada, seus análogos latino-americanos precisavam extrair efeitos de perturbação estética, diante de uma realidade social por si só explicitamente louca, arbitraria e incoerente. Daí a redução do contrassenso a elementos estratégicos da trama.

*Diário da Guerra do Porco*, publicado por Bioy Casares em 1969, aborda esse problema exagerando uma pergunta incômoda para o universo capitalista: afinal para que servem os velhos? Pergunta que trabalha com o que a psicanálise chama de mal-estar, ou seja, algo que não deve ser nomeado e que funciona como premissa tácita para que a ordem social mantenha-se como tal. Se entendemos que a terceira idade representa um estado de interrupção da vida laboral – que apenas onera o resto “produtivo” de nossa sociedade, a qual deve arcar com os custos de manutenção e de saúde, progressivamente elevados, sem reverter



### **Diário da guerra do porco**

**Idioma:** Português

**Editora:** Cosac Naify, 2010

**Assunto:** Romance

**Autor:** Adolfo Bioy Casares

Nasceu em Buenos Aires em 1914. Bioy Casares foi pioneiro da literatura fantástica na Argentina. Autor de diversas obras entre elas: *A invenção de Morel*, *Histórias fantásticas*, *Diário da guerra do porco*.

### **RAIO-X**

#### **Christian Ingo Lenz Dunker**

Psicanalista e professor Catedrático da Universidade de São Paulo (USP). Ganhador do Prêmio Jabuti de melhor livro em Psicologia e Psicanálise em 2012, com a obra *Estrutura e constituição da psicanálise: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento* - editora Annablume, 2011. Colunista na *Revista Mente & Cérebro*, na *Revista Cult* e no *Blog da Boitempo Editorial*.

em efetiva agregação de valor –, por que mesmo ela tem direito à existência? Lembremos que foi este tipo de raciocínio que deu origem às práticas de eliminação de doentes terminais e crianças deficientes, por parte do nazismo. A questão de fundo para Bioy Casares, e que o torna tão atual, reside justamente no sentido do “inútil” e de o destino nos parecer “irracional” do ponto de vista da produtividade – a situação assemelha-se ao conto de Cortázar, “Auto Estrada do Sul”,<sup>3</sup> no qual, subitamente, o trânsito de uma estrada se vê paralisado, e a partir de então se desenvolve uma nova forma de vida, com crianças nascendo e pessoas morrendo dentro dos carros-casas, sem que nenhuma pergunta direta seja feita pelos personagens; ou ao *A Sombra dos Reis Barbudos*<sup>4</sup> de José J. Veiga, no qual uma cidade é subitamente invadida por muros que restringem a movimentação e determinam os caminhos possíveis da vida das pessoas – inserindo-se nessa problemática do impossível ao qual somos levados pela exageração de premissas que parecem obviamente corretas, mas das quais não nos apropriamos de suas consequências mórbidas:

*[...] apesar do narrador estar na terceira pessoa, o conhecimento que possui do mundo está restrito à vida cotidiana de Vidal. E no caso da perseguição aos mais velhos, a tensão crescente se realiza devido ao fato de que o protagonista do romance é um dos últimos a perceber o que realmente está acontecendo.*<sup>5</sup>

O enredo de “A Guerra do Porco” é relativamente simples. Quatro amigos – Jimi, Arévalo, Rey e Vidal – vivem num cortiço

de Buenos Aires e começam a perceber a existência de uma guerra promovida pelos jovens contra os velhos. A fidelidade entre eles começa a se dissipar quando são atacados sem piedade ou resistência sob uma suposta justificação científica: “Há estudiosos. Por trás de tudo isso há muitos médicos, muitos sociólogos, muitos planejadores. No mais estrito sigilo eu lhe digo: há também gente da Igreja”.<sup>6</sup>

O texto cria uma experiência de mal-estar no leitor ao mostrar a ascensão social da lógica da indiferença e da segregação, por meio da exageração da “normalidade” dos personagens.

*- A velha dos gatos – assentiu Rey. – De que podiam acusá-la? De uma extravagância, alimentar gatos. Pois então, ontem, sem mais nem menos, na esquina da casa dela um bando de moleques a matou a pancadas, diante de resignados transeuntes.*

*- E dos gatos – acrescentou Jimi, que não tolerava por muito tempo tristezas.*

*- Farejavam o cadáver – precisou Rey.<sup>7</sup>*

No conflito de gerações, a velhice surge como símbolo da finitude. A “guerra” silenciosa entre velhos e jovens aparece explicitada no plano da ação, mas impensada no plano de seus fundamentos. Elementos mágicos, algumas vezes intuitivos, nunca são explicados, segundo a tese de que a violência advém no lugar onde a palavra se torna impronunciável, como uma espécie de mal-estar com denúncia da desagradável verdade por trás dos “pensamentos de que nem suspeitamos”.<sup>8</sup> A agressividade entre gerações pode ser disfarçada por meio do que

a psicanálise chama de formação reativa, ou seja, um exagero da atitude em sentido contrário ao de nossos sentimentos. Exagero feito exatamente para deformarmos nossos sentimentos hostis. Presença do sensorial como parte da percepção da realidade. São exemplos disso a admiração exagerada, mas também a pena e a imputação de culpa à própria pessoa: “Alguns velhos não se cuidam nem um pouco. Eu quase diria que eles provocam”.<sup>9</sup>

A negação das transformações do corpo, o temor do desamparo e da morte na velhice surgem, assim, como negação do envelhecimento por aquele que o vive e principalmente por aquele que se identifica com o ideal da eterna juventude. A negação torna-se dessa forma a atitude capaz de descobrir e proteger o velho dos efeitos de seu próprio envelhecimento, da qual faz parte a negação da sexualidade na terceira idade. Variação da crença neurótica de que o único desejo dos pais consiste em se reunir para cuidar dos filhos: “*Velhos que se metem com mulheres jovens são um triste espetáculo*”,<sup>10</sup> pois, “– *Igual a um cachorro tarado... O velho imundo merece um castigo*”.<sup>11</sup>

A ambivalência que cerca tanto o processo de envelhecimento quanto a sua alegoria social a torna o suporte perfeito para a ilusão de que “velho é sempre outro”. É assim que a velhice vira sinônimo de inadaptação à passagem do tempo, de desatualização e de inutilidade. Cruelmente nossa representação aos que lutam para fugir desse destino retrata nosso ódio ao destino que não queremos aceitar e aos que o representam, ainda que involuntariamente: “*Quer que eu explique minhas dúvidas? – perguntou Dante. – Há pessoas que sentem repugnância e se*

*enfurecem com o cabelo grisalho; por outro lado, há outros que sentem raiva é de um velho de cabelo pintado*”.<sup>12</sup>

A presença da locução adversativa “mas por outro lado” nos faz pensar que a frase vai se opor aos que sentem “*enfurecimento*” com a velhice. Contudo, o que encontramos na conclusão mostra-se apenas uma evolução qualitativa da “raiva”, de tal forma que “há os que sentem fúria e por outro lado os que sentem raiva”. Ali onde esperamos contradição ela não acontece, o que redundando em uma mensagem trágica: “há aqueles que deixam o cabelo grisalho e os que pintam o cabelo, mas o efeito é o mesmo”. Já os que lutam contra o envelhecimento e os que se entregam a ele, são, ambos, objeto de escárnio do maldizer social.

Negação, formação reativa, mal-estar e agressividade incidem sobre o próprio sujeito que maltrata seu processo de envelhecimento, que nada quer saber sobre isso: “*Descobriram que nenhum velho se considera velho*”.<sup>13</sup>

A inversão entre os que um dia foram cuidados e que um dia serão os cuidadores torna-se o objeto crucial do que precisa ser excluído da realidade para que ela possa ser mais e mais consistente. O ajuste de contas entre gerações não deixa de ser potencialmente agressivo, iluminando, assim como o ódio à velhice representa a atitude complementar da idealização da juventude: “*Por que os velhos estão se tornando tão odiosos? – argumentou Arévalo. – Porque estão satisfeitos demais e não cedem seu lugar*”.<sup>14</sup>

Por isso, no centro do romance está a reviravolta de afetos entre pais e filhos. Nela, os pais se vingam uma vez mais dos filhos mal-agraçados que lhes viraram as costas.

O egoísmo projetado dos jovens sobre os velhos, a dessexualização e a desumanização da velhice não soam como uma vingança pela má-educação recebida, nem pelo déficit de afeto, que sempre remanesce entre pais e filhos, mas como fragmento de real, traumático e insuportável, que nega e ao mesmo torna-se condição de possibilidade para nossa ilusão de plenipotência de uma humanidade produtiva e sexuada: *“Todo velho se transforma em animal”*.<sup>15</sup> [...] *“Hoje em dia essa mulher é um homem asqueroso. Caprichos da velhice”*.<sup>16</sup>

O livro não se mostra atual apenas pela ironia acerca da inutilidade da velhice em tempos de neoliberalismo: ele nos alerta, como a recente vitória do Brexit na Ingla-

terra,<sup>17</sup> que há outra verdade no interior da verdade produtivista e neoliberal. Verdade que diz respeito ao caráter patrimonialista e cristão do capitalismo e na qual ela se insere. Patrimonialista, porque, conforme análise de Thomas Piketty, a riqueza nos últimos dois séculos acumula-se mais pela herança do que pelo trabalho ou pelo talento. Cristão, porque isso nos remete a um tipo de justiça já anunciado no Novo Testamento, segundo Mateus: *“Quem muito tem mais lhe será dado, quem pouco tem, mesmo este pouco lhes será tirado”*. Ou seja, em uma autêntica reversão dialética, os autênticos jovens bem-sucedidos geralmente o são à custa de heranças e benefícios espoliados aos velhos. Espoliação que precisa ser esquecida, nem que seja pelo recurso da violência e do ressentimento para com os velhos. ↻

## NOTAS

**1** BIOY CASARES, Adolfo [1969]. *Diário da Guerra do Porco*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 141.

**2** BRETON, André [1927]. *Nadja*. Trad. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

**3** CORTÁZAR, J. [1966] “Autoestrada”. In: *Cuentos latinoamericanos: antología*. Editorial Alfaguara, 1996.

**4** VEIGA, José J. [1972] *Sombras de reis Barbudos*. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

**5** AGUIAR, Christiano, 07 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.vacatussa.com/diario-da-guerra-porco/>>.

**6** BIOY CASARES, p. 94.

**7** Ibid., p. 47.

**8** BIOY CASARES, Ibid., p. 30.

**9** Ibid., p. 89.

**10** Ibid., p. 40.

**11** Ibid., p. 62.

**12** Ibid., p. 53.

**13** BIOY CASARES, p. 99.

**14** Ibid., p. 47.

**15** Ibid., p. 117.

**16** Ibid., p. 139.

**17** Lembremos que a decisão por deixar a União Europeia, realizada pela votação britânica de 2016, dependeu basicamente dos votos de idosos, residentes em pequenas comunidades rurais da Inglaterra. Enquanto jovens, mulheres e imigrantes viam vantagens na integração continental, os mais velhos perceberam com clareza que isso poderia representar um sacrifício para os que detinham poder e patrimônio e que se veriam, a curto prazo, obrigados a proteger países economicamente mais frágeis, como Grécia e Portugal. Assim, a mensagem de “sacrifício zero”, usualmente aplicada contra a terceira idade, para reduzir seus benefícios, retornou ao seu emissor de forma invertida. A ideologia juvenil e neoliberal do “*presente a qualquer custo*” voltou-se contra o próprio sistema, criando um paradoxo de largas e trágicas consequências, tal como fora anunciada no clássico filme *O Sentido da Vida* (1983) do grupo de comicos ingleses Monty Python. Paradoxo que mostra a verdade da qual a realidade é feita, exatamente como queria o surrealismo francês e o realismo mágico latino-americano.